

Mario Martone,
uma voz autoral da
pátria de Fellini

PÁGINA 3



Marya Bravo
faz as pazes
com a canção

PÁGINA X



Detetive felino
Blacksad é febre
no Velho Mundo

PÁGINA 7



2º CADERNO

Olhos atentos para Jafar Panahi



Jafar Panahi com
a Palma de Ouro
em conferência
de imprensa no
enceramento do
Festival de Cannes

Victor Boyko/Festival de Cannes

O ganhador da Palma de Ouro de 2025 não deixou o Irã nada feliz com sua vitória, mas gera uma corrida por seus filmes, consolidando a liberdade como objeto estético

Por **Rodrigo Fonseca**
Especial para o Correio da Manhã

Ao entrar para o seletíssimo rol dos ganhadores da Palma de Ouro de Cannes, num time que, nos últimos

dez anos, incluiu Jacques Audiard, Ruben Östlund, Hirokazu Koreeda, Bong Joon Ho, Julia Ducournau, Justine Triet e Sean Baker, o iraniano Jafar Panahi reconheceu em Cannes o quanto o risco à sua segurança aumentou. Seu país natal há tempos é azedo em relação aos filmes que ele faz desde “O Ba-

lão Branco” (ganhador da Câmara d’Or na Croisette em 1995).

O azedume é tanto que os líderes de sua nação já enfiaram o diretor de 64 anos na prisão duas vezes (em 2010 e 2022) e tratam sua obra como um atentado à dignidade do Irã. De lá não se ouviu comemoração oficial no último sábado, quando ele conquistou o prêmio máximo do Festival de Cannes por “Un Simple Accident”.

O fato de se tratar de uma história de vingança de um torturado contra o agente de estado que o vitimizou complicou ainda mais as chances de o governo de sua pátria festejar a consagração de um reali-

zador que, há três décadas, segue a pavimentar um legado autoral no qual poesia e indignação caminham juntos, numa linha (por vezes) tênue entre ficção, etnografia, documentário e semiótica. Quando capturado, Panahi fez greve de fome e mobilizou a Anistia Internacional.

Se em seu lar sua situação não é das mais confortáveis, planisfério cinéfilo adentro ele é objeto de adoração, a julgar a atual corrida (no streaming) pela produção cinematográfica dele. No Brasil, as plataformas Reserva Imovision, Telecine e Prime Video são o caminho para encontrar seus trabalhos, entre os quais “Táxi Teerã”, pelo qual ele

recebeu o Urso de Ouro da Berli-nale, há dez anos.

“Para um cineasta, cada prêmio é um prazer e foi necessário muito trabalho para ganhar este troféu”, disse Panahi em Cannes, com a Palma nas mãos. “Em um determinado momento, eu tinha muitas imagens diferentes passando pela minha cabeça. Estava pensando em todos os rostos dos meus amigos que estavam na prisão comigo. Naquela época, nós estávamos na cadeia, mas o povo iraniano estava nas ruas lutando pela liberdade. Naquele momento, eu disse a mim mesmo que estava feliz por eles”.

Continua na página seguinte